

# A ADOÇÃO DE PRÁTICAS ESG POR EMPRESAS BRASILEIRAS DE CAPITAL ABERTO

Larissa de Sá e Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente estudo tem como temática principal observar uma amostra de empresas, sendo elas as três de maior peso e as três de menor peso da carteira teórica do Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISE), em ordem decrescente de relevância: Lojas Renner, Telefônica Brasil, Grupo Natura, Iochpe-Maxion, Movida e Ambipar. A partir da consulta de todos os comunicados oficiais das companhias que envolvam alguma menção ao ESG (Environmental, social and corporate governance), ou ASG (Ambiental, Social e Governança), em português, o estudo busca verificar se existe algum resultado quantitativo de que pelo menos um desses pilares influencia em algum indicador financeiro corporativo. Além disso, busca-se identificar vantagens competitivas a partir da forma como as companhias divulgam ao mercado suas práticas socioambientais e de governança com base no que faz, como faz e com quais expectativas. Para tanto, levando em conta a insurgência do tema no meio corporativo como essencial para a otimização da produtividade, observa-se uma movimentação acerca da compreensão de que a preocupação social, sustentável e de governança é indispensável para o sucesso das empresas no médio e longo prazo. O trabalho, portanto, considera o genuíno conceito ESG e os motivos que o trouxe à tona para a realidade privada para entender se o discurso de engajamento às suas práticas consegue combinar a promoção do bem-estar social com o desempenho financeiro das companhias em questão.

**Palavras-chave:** ESG. ISE-B3. Sustentabilidade no Brasil.

## ABSTRACT

The main theme of this study is to observe a sample of companies, being the three with the highest weight and the three with the lowest weight in the theoretical portfolio of the B3 Corporate Sustainability Index (ISE), in decreasing order of relevance: Lojas Renner, Telefônica Brasil, Grupo Natura, Iochpe-Maxion, Movida and Ambipar. Based on the consultation of all official communications from companies that involve any mention of ESG (Environmental, social and governance corporate), or ASG (Meio ambiente, social e governança), in Portuguese, the study seeks to verify if there is any quantitative result that at least one of these pillars influences some corporate financial indicator. In addition, we seek to identify competitive advantages based on the way companies disclose to the market their socio-environmental and governance practices based on what they do, how they do it and with what expectations. Therefore, taking into account the insurgency of the theme in the corporate environment as essential for the optimization of productivity, there is a movement towards the understanding that social, sustainable and governance concerns are essential for the success of companies in the medium and long term. The work, therefore, considers the genuine ESG concept and the reasons that brought it to light in the private reality to understand whether the discourse of engagement in its practices manages to combine the promotion of social well-being with the financial performance of the companies in question.

**Keyword:** ESG. ISE-B3. Sustainability in Brazil.

---

<sup>1</sup> Autora graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor orientador Marcelo Sartorio Loral.

## 1 INTRODUÇÃO

O crescente aumento da competitividade no mundo corporativo vem trazendo às instituições a necessidade de uma rápida revisão do impacto gerado no ambiente em que atua. Nesse contexto, as práticas ESG incorporam o mercado financeiro levando companhias, especialmente as de capital aberto, a tomarem decisões que façam a diferença para o meio ambiente e para as pessoas que estão envolvidas direta ou indiretamente na sua atividade.

Enquanto muitos movimentos discutiam sustentabilidade, Laurence Fink, CEO da Black Rock, uma das maiores gestoras de ativos do mundo, incluiu o assunto ESG em uma carta para cotistas, em 2019. O gestor já falava sobre o comportamento empresarial sustentável desde 2016, mas deu foco para a combinação dos tópicos sociais e de gestão a partir daquele ano. Foi defendendo que empresas alinhadas aos critérios ESG obtêm melhores resultados financeiros que o empresário influenciou fortemente o mercado a também voltar seus holofotes para a combinação das práticas socioambientais com a otimização operacional de seus negócios.

O reflexo dessa movimentação foi a inclusão de pontos focais na economia que buscam observar e seccionar as empresas que expressam, de fato, indicadores de desempenho em sustentabilidade empresarial. Dois exemplos disso são o Índice Brasil ESG, que segundo a Bolsa Brasil Balcão (B3), procura medir a performance de títulos que cumprem critérios de sustentabilidade, e o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3), que tem o objetivo pioneiro de criar um ambiente de investimento compatível com as demandas de desenvolvimento sustentável da sociedade contemporânea e, pra isso, serve como ferramenta de análise comparativa baseando-se na eficiência econômica, equilíbrio ambiental, justiça social e governança corporativa.

Nesse ínterim, o presente artigo visa entender e avaliar as medidas tomadas pelas empresas brasileiras de capital aberto direcionadas à adoção de práticas ESG. Defende-se a hipótese de que os desempenhos social e financeiro podem ser associados, no longo prazo, de forma positiva ao selo de qualidade ESG, sobretudo pelo fato de que a adoção de práticas sustentáveis não somente aumenta a reputação externa da entidade, como também corrobora para melhorar a receita e a lucratividade da empresa. Essa conexão é considerada dada a tendência para maior eficiência na gestão de seus recursos, o que leva à redução do risco implícito dessa instituição, resultando em menor custo de capital para seus projetos.

Tendo em vista os pontos apresentados, o artigo busca agregar à literatura já existente informações que possam enriquecer os estudos acerca da eficiência de empresas sustentáveis, buscando demonstrar fatos que ajudem a compreender se há ou não benefícios financeiros para uma corporação adotar medidas conscientes e, principalmente, entender como as empresas expressam suas expectativas para tais práticas. Para isso, das três empresas de maior peso na carteira teórica do ISE de Janeiro à Abril de 2022, Lojas Renner, Telefônica Brasil e Grupo Natura, e das três empresas de menor peso, Iochpe-Maxion, Movida e Ambipar, serão observados em seus sites de relacionamento com investidor relatórios financeiros periódicos, relatórios de sustentabilidade e demais documentos que tratem do assunto ESG, assim como entrevistas ou notícias contidas na mídia para verificar a comunicação oficial advinda de cada companhia quanto às expectativas na adoção de práticas que priorizem o meio ambiente, ou a sociedade ou sua governança.

## **2 DEFINIÇÕES DE ESG**

O conceito de desenvolvimento sustentável foi definido pela primeira vez em 1983, pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, através da liberação do relatório “Nosso Futuro Comum”, aprovado pela Assembleia Geral da ONU. Nele, “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1987).

Muito se confunde, porém, o conceito de desenvolvimento sustentável com o de ESG. Com a ascensão do debate acerca do conjunto de práticas ESG em âmbito global, a visão do que é o agir sustentável passou a incorporar o mundo empresarial como uma forma de comprometimento com o bem-estar e a justiça social e, com isso, a pauta sustentável tomou proporções mundiais para o segmento político-econômico. Por isso, é importante atentar para o fato de que muito se pode confundir ESG com filantropia, sustentabilidade corporativa, quando, na realidade o termo faz referência para a busca da melhor forma de gerenciamento de risco e performance financeira pois considera, para uma empresa, as questões de cunho sociais, ambientais e de governança nas perspectivas de risco e de oportunidades globais, o que, portanto, não configura abdicar de retorno financeiro, mas sim fazer sua melhor gestão. (UNGARETTI, 2020)

A sigla ESG é uma abreviação para os termos, em inglês, "environmental, social and governance", que traduzidos para o português devem ser usados como ASG, em referência para "ambiental, social e governança". O termo é usado para que o mercado financeiro possa analisar o comportamento de determinadas empresas com base em um conjunto de dados específicos para direcionar a tomada de decisões de investimentos. (UNGARETTI, 2020)

Entretanto, a simples divulgação de metas, práticas e políticas não configura garantia de que a implementação de fato ocorre, como em muitos casos de propagandas enganosas das chamadas "greenwashing", que buscam somente um viés de associação de imagem, sem ações que comprovem o benefício ambiental ou social. Por esse motivo, o ESG é dificilmente rotulável, já que há grande complexidade e pouca padronização prática nos riscos e impactos socioambientais, exigindo profunda avaliação de estratégias para o reconhecimento da categoria. (UNGARETTI, 2020)

A partir dos anos 2000, o conceito de sustentabilidade passou a ser adotado como um novo modelo de gestão, consolidando uma abordagem corporativa consciente dos seus impactos, levando isso para a elaboração de novos produtos, e novos modelos de negócios. Com isso, muitos estudos surgiram relacionando o agir consciente ao papel de uma empresa, apontando para o fato de que as empresas possuem sim uma responsabilidade social e ambiental para com o meio em que atuam, como com as pessoas da região em que estão inseridas, local ou internacionalmente, englobando a ideia da consciência social. (ROSSETI *et al.* 2008)

Quanto ao conceito ESG em si, que inova na inclusão da governança corporativa nas dimensões de debate ambientais e sociais, surgiu de fato em 2004, no relatório "Who Cares Wins" (ou, em português, "ganha quem se importa"), por iniciativa de uma publicação do Banco Mundial em parceria com o Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), juntamente com o endosso de cerca de 20 instituições financeiras de 9 países diferentes, dentre elas, Banco do Brasil, Goldman Sachs, Credit Suisse, Deutsche Bank, e outros. Foi esse documento o real precursor das diretrizes, recomendações e direcionamentos sobre como melhor integrar questões ESG, focado na gestão de ativos e de serviços de valores mobiliários, endereçado aos principais atores privados do sistema financeiro, ou seja, servindo como uma carta direta às grandes instituições financeiras para pressioná-las a integrar os fatores ESG ao mercado de capitais. (PWC, 2004)

Mesmo assim, o conceito só foi ganhar os holofotes nos últimos anos, quando autores como Brockett e Rezaee (2012) escreveram sobre a relevância dessa combinação, e os benefícios para uma empresa especialmente considerando os mais recentes desastres

ambientais causados por grandes firmas que negligenciaram o seu impacto. Com isso, a ideia pauta a necessidade de que uma companhia consiga conciliar a lucratividade com uma gestão eficiente de recursos que agregue aos seus “stakeholders” tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Foi justamente com a intenção pioneira do então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, de provocar os agentes econômicos, que o termo teve sua visibilidade ampliada graças à crescente movimentação do mercado financeiro sobre absorver a prática sustentável. O que parece ser novidade vem sendo cada vez mais cobrado das instituições, que buscam entender o que é ESG e identificar quais adaptações são necessárias aos seus negócios para estarem em conformidade com esta exigência. Entretanto, o que o diretor-executivo da Rede Brasil do Pacto Global revela, e parece ser difícil para a compreensão do mercado, é que ESG não é uma evolução da sustentabilidade empresarial, mas sim a própria sustentabilidade empresarial. (O ESG..., 2020)

Com uma nova ótica de análise de investimentos que considera não somente o risco e a rentabilidade, mas também as dimensões de impacto socioambiental dos negócios, é importante dissecar essa trilogia. A primeira palavra a qual a sigla faz referência com a letra “E” é um direcionamento para discussões acerca do meio ambiente, a letra “S” remete ao impacto social da companhia no meio corporativo e, por fim, a última letra e que traz caráter singular para a discussão, é a letra “G”, que diz respeito à governança corporativa, colocando em pauta a importância da transparência aos acionistas e, principalmente, a ética na gestão, para discutir que a falta de informações traz insegurança aos acionistas, o que tende a elevar o risco que incide sobre as empresas. (UNGARETTI, 2020) De forma prática, cada pilar do ESG pode ser desbravado através dos subtemas demonstrados na tabela 1:

**Tabela 1 - Exemplos do que cada letra pode tratar**

Letra “E”  Discussão que permeia o meio ambiente.	Mudanças climáticas;
	Pegada de carbono;
	Emissão de gases estufa;
	Poluição e desmatamento;
	Gestão eficiente de recursos;
Letra “S”	Diversidade e inclusão social;
	Direitos trabalhistas;

Discussão sobre os seres sociais que podem ser impactados direta ou indiretamente pela atuação da companhia.	Cultura empresarial;
	Responsabilidade com o consumidor;
	Desigualdades sociais;
Letra “G”  Discussão acerca da governança corporativa.	Transparência;
	Condutas éticas e anticorrupção;
	Gestão de riscos;
	Direito dos acionistas;
	Integridade e diversidade dos membros do Conselho;

Fonte: Elaboração própria.

Com essa amplitude de práticas em evidência, as empresas de capital aberto são julgadas não somente pelo valor que agregam aos seus acionistas, mas também pelo que geram, no longo prazo, aos seus “*stakeholders*”, ou seja, aqueles que serão impactados por qualquer atitude dessa companhia. Por isso, o ESG começa a ser visto como uma vantagem competitiva, já que força a empresa a expandir sua ótica dos acionistas para todos os grupos de interesse daquele empreendimento, sejam colaboradores, fornecedores, o ambiente em que atua, mídias e os demais setores relacionados. Por esse motivo, a expansão de abrangência nas estratégias de negócios tende a trazer consigo alguns benefícios. Segundo o estudo “A evolução do ESG no Brasil”, do Pacto Global no Brasil (2021), 78% da geração dos Millennials e 84% da geração Z declaram optar por este tipo de investimento. (PACTO GLOBAL et al., 2021)

Espera-se que uma empresa que adota comportamentos ESG seja recompensada com ganhos financeiros, seja atrativa aos seus investidores e aos seus colaboradores, estimulando a retenção de talentos, além de tender a um fortalecimento da marca, com isso, abrindo novas oportunidades de negócios. Ungaretti (2020) revela que empresas com boas práticas ESG, uma vez reconhecidas pela alta classificação de governança corporativa, tendem a reduzir o seu próprio risco de inadimplência, o que resulta a elas, na redução da oferta de custo de capital, ou seja, as empresas passam a captar recursos com menor custo, especialmente porque alguns dos princípios incluem uma melhor gestão dos recursos das empresas, do seu capital humano e maior controle dos riscos operacionais (UNGARETTI, 2020). Não obstante, observa-se, atualmente, a maior atratividade do público jovem investidor e trabalhador a

companhias das quais possuem amplo conhecimento do modelo de negócios, corpo gestor, medidas de diversidade e inclusão, ou outros fatores aos quais possuem maior afinidade, não somente pela marca. Assim, o inevitável diálogo mais próximo entre as empresas e seus investidores estimula a criação de confiança que, nas sociedades, é fator chave, especialmente para o mercado financeiro. Na busca por um propósito, o olhar mais humano e consciente é atrativo porque hoje as partes estão mais atentas, exigentes e preocupadas. (PWC, 2004)

### **3 CHEGADA DO ESG NO BRASIL**

Após o encontro de 2004, o Brasil foi um dos primeiros países a anunciar a decisão de que participaria das orientações do Pacto Global e se comprometeria com os princípios estabelecidos. Hoje, o país segue com uma busca crescente pelo conhecimento voltado aos fatores sociais, ambientais e de governança nas estratégias empresariais. No ano de 2020, as buscas pelo assunto nas redes sociais aumentaram mais de sete vezes, enquanto 84% dos executivos disseram ter interesse em entender mais sobre a agenda e os critérios ESG. Dado o avanço dessas estatísticas, notou-se grande movimentação midiática e educacional acerca do termo, especialmente por eventos e cursos gratuitos de instituições como XP Investimentos, BTG Pactual, Infomoney e Exame. (PACTO GLOBAL et al., 2021)

Tendo em vista a amplitude dos objetivos que o termo abrange, a seleção qualitativa das empresas para o enquadramento no reconhecimento por práticas ESG é feita com muita cautela por não existirem padrões universais para essa avaliação, além de, muitas vezes, a divulgação das informações sequer ser obrigatória. Com isso, analistas por todo o globo de instituições como MSCI, Sustainalytics, Sitawi, Refinitiv, RepRisk e S&P Global, coletam inúmeros dados relacionados às práticas ESG e buscam criar metodologias para que uma referência seja criada para diferenciação do grau de qualidade ESG daquela companhia. (UNGARETTI, 2020)

A discussão, entretanto, apesar de frutífera, ainda é pouco explorada no país, uma vez que muitas pautas de atores relevantes se desencontram. Existe uma forte discrepância entre a ótica de interesses da pauta pública, da pauta privada e da pauta investidora, assim como a diferença entre discursos e práticas, visto que muitas empresas ainda acreditam que o cumprimento da legislação ambiental é suficiente para o que o mercado precisa. Com isso, na intenção de aprimorar o entendimento do ESG e alinhar suas práticas ao mercado global, a

Comissão de Valores Mobiliários (CVM) passa a exigir, a partir de 2022, no formulário de referência divulgado pelas empresas de capital aberto, que os fatores de risco aos quais a empresa está exposta considerem separadamente os riscos sociais, ambientais e climáticos, além da diferença salarial entre seus colaboradores por gênero, raça e cor. (ITAÚ, 2021)

Mesmo assim, ainda existem algumas metodologias que são amplamente usadas para distinção na categoria, como a matriz de materialidade para os fatores ESG, que busca mais assertividade na clareza dos fatores, ou seja, o nível de relevância no impacto de alguma prática na condição financeira ou no desempenho operacional de determinada companhia. Assim, a Sustainable Accounting Standards Board (SASB) ou, em português, Conselho de Padrões Contábeis de Sustentabilidade, é responsável pela divulgação e pela avaliação de empresas como facilitador das tomadas de decisões entre os investidores, além de identificar fatores materiais e imateriais com base em cinco dimensões: meio ambiente, capital social, capital humano, liderança e governança, e modelo de negócio e inovação, juntamente com outros 26 fatores que determinam o desempenho de cada companhia. (UNGARETTI, 2020)

Além disso, existem diversos meios estratégicos para seguir com as diretrizes ESG. O filtro negativo é uma metodologia que exclui comportamentos nocivos a qualquer um dos três segmentos, oposto ao filtro positivo, no qual investidores buscam critérios que se enquadram nas normas ESG. A estratégia “*best-in-class*” se baseia na formação de um ranking de avaliação, ao passo que a integração ESG considera as práticas com os seus possíveis impactos no longo prazo da empresa. Dessa mesma forma, algumas companhias adotam um modelo de investimento de impacto que tem característica ativa, ou seja, voltado para criar soluções direcionadas a algum dos segmentos ESG, o que leva os investidores a analisarem o impacto gerado com relação ao retorno financeiro consequente das ações (UNGARETTI, 2020).

Uma pesquisa realizada pela Global Sustainable Investment Review, aponta para o fato de que o filtro negativo é a metodologia mais utilizada internacionalmente para qualificações de empresas sócio-ambientalmente amigáveis, enquanto, no Brasil, a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros (ANBIMA) aponta para a “*best-in-class*” como estratégia mais utilizada no país. (UNGARETTI, 2020)

Observa-se que a materialidade dos fatores possui extrema relevância na análise de correlação entre a adoção de práticas ESG e o retorno financeiro dos ativos, ressaltando a importância de uma observação analítica e quantitativa dessa relação. Segundo levantamento feito pela Morningstar e pela Capital Reset, divulgado pelo Pacto Global, no Brasil, em 2020, os fundos de investimento ESG captaram R\$ 2,5 bilhões, sendo mais da metade dos recursos

originados de fundos criados há menos de 12 meses. Em um mercado com a oferta de mais de 25 mil fundos de investimentos, a exposição ESG recebeu destaque na captação de recursos. (PACTO GLOBAL)

#### **4 RAZÕES PARA BUSCA DO ESG**

Como observado, a ascensão da busca de empresas e investimentos ESG se tornou um destaque em meio ao mercado financeiro. Considerando que a obrigatoriedade sobre informações relacionadas às práticas é recente, nota-se que há grande discrepância no volume de compartilhamento de relatórios ESG por empresas, mostrando que há uma tendência maior de que as companhias que se engajam nas práticas se empenhem mais na elaboração de pareceres que indiquem sua atividade ESG. É justamente a transparência e relevância que a empresa imprime ao assunto que levanta para o investidor a confiança no que ele busca. Por isso, surge o questionamento acerca dessa assimetria, uma vez que, em meio à divulgação facultativa, determinadas empresas possuem forte engajamento na produção de informativos internos sobre sua atuação, enquanto outras sequer citam o termo em seu negócio.

O Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) é o índice da bolsa brasileira que mais se associa à combinação de empresas que representam o ESG. Criado em 2005, o ISE é o indicador de desempenho das empresas que são reconhecidas por seu comprometimento com a sustentabilidade empresarial. Como um índice representa uma carteira teórica, e considerando que no período de 17 anos a evolução de sustentabilidade em meio ao mercado financeiro foi exponencial, a carteira tem revisão quadrimestral e faz-se importante apontar para a atualização realizada para a composição da carteira teórica de 2022. (B3, c2019)

**Figura 1 - Comparativo de rentabilidade entre o ISE (em verde) e o Ibovespa (em azul) entre 2006 e 2021**



Fonte: Investing.com

Pereira, Bento e Rios (2018) apontam para a excelência das empresas que compõem o ISE em comparação às outras sociedades anônimas que compõem a B3. Ao observar o gráfico comparativo da Figura 1, é importante notar que no período de 2006 a 2018 o ISE teve uma rentabilidade de +188,50% enquanto o Ibovespa cresceu +157,40%. Essa dissociação de performance acontece a partir de 2012, o que representa boa resposta da expectativa do mercado a empresas que estão alinhadas às responsabilidades ESG, assim como pela possibilidade de aumento no valor de mercado dessas companhias. Confirma-se assim que, seja por atratividade de mercado ou por melhora financeira, as empresas atreladas à sustentabilidade de fato adquiriram performance em bolsa em detrimento das demais, pelo menos por um período.

Com o incentivo da prática ESG em detrimento de ações unicamente sustentáveis, para a composição do índice de Janeiro a Abril de 2022 a metodologia adotada na seleção de empresas demonstrou ter sido uma das mais rigorosas até o momento. Isso aconteceu em virtude da busca por empresas com real alinhamento às boas práticas socioambientais, incluindo empresas que há anos faziam parte do índice mas estavam envolvidas em problemas ambientais, trabalhistas ou de corrupção, seja por escândalos específicos ou pelo setor em que atuam, como petroleiras, frigoríficos e siderúrgicas. (FOLHA, 2021)

A nova composição conta com companhias que conquistaram reconhecimento em diversos índices de sustentabilidade internacionais, como o Dow Jones Sustainability Index (DJSI) e MSCI (Mercados Emergentes, América Latina e Global). É importante destacar que, com a distribuição de pesos da carteira, algumas empresas podem demonstrar mais

engajamento ao ESG do que outras, o que indaga as intenções envolvidas - e se o que se espera pelo comportamento, além do bem-estar social, seja também ganhos financeiros e reconhecimento midiático como formas de vantagem competitiva.

#### **4.1 Lojas Renner**

As Lojas Renner tiveram seu primeiro ponto de venda inaugurado em 1922, desde então a empresa seguiu com muita evolução no setor da moda e hoje é um grande nome do varejo brasileiro. Cem anos depois, a empresa é reconhecida por ser uma das maiores companhias sustentáveis do país por tomar conta da posição de maior peso na carteira teórica do ISE, após a revisão com sua nova metodologia, tomando conta de 3,18% de toda a composição do índice. (B3, c2019)

Dado o histórico de atuação da companhia, sustentabilidade sempre foi um compromisso nos seus negócios, assim como a transparência na governança. O ESG, porém, apesar de sempre estar implicitamente presente no desenvolvimento da empresa, só foi citado pela primeira vez em seus registros oficiais em 2020, no seu relatório de Demonstrações Financeiras Padronizadas (DFP), o que demonstra o quão recente a sigla passou a ser aplicada no dia-a-dia das sociedades anônimas brasileiras. (RENNER RI, s.d.)

Antes disso, não há como negar que o ESG foi amplamente implementado pela empresa, contudo, sem ser de fato reconhecido como um conceito ESG, já que a ideia ainda não era um foco no país. Logo em 2013 a companhia criou uma política de sustentabilidade com o objetivo de estabelecer diretrizes que promovessem justamente o desenvolvimento sustentável do negócio buscando que os impactos da sua atuação no ambiente e na sociedade fossem minimizados, prezando pela conservação dos recursos naturais e humanos necessários para sua operação. O reconhecimento dessa atitude chegou rapidamente em 2014 com a inclusão da empresa não somente no ISE, como internacionalmente no DJSI, que é o índice de referência global em sustentabilidade corporativa. (RENNER RI, s.d.)

Importante considerar que, com um século de história, inúmeras foram as conquistas da empresa, não somente nos quesitos social e ambiental como financeiramente. A Renner promove programas sociais desde 1999 e programas para atenção às mudanças climáticas desde 2010, contudo, como apenas nos últimos anos aumentou a preocupação por parte das instituições em divulgar esses feitos, fica claro que os prêmios e certificações por essas ações são tardios. O ano de 2018, por exemplo, acumulou um compilado de premiações. A Lojas Renner ganhou como melhor do varejo de liderança em sustentabilidade pelo Guia Exame,

além de ter recebido o segundo lugar geral como melhores métricas do ESG e dominar essa posição desde então, por três anos consecutivos. (RENNER RI, s.d.)

Não obstante, é perceptível que a empresa também engaja nesse fluxo midiático, como a criação de um dia exclusivo para compartilhar com a sociedade investidora as práticas e impactos ESG da companhia, o chamado “ESG DAY”, realizado pela primeira vez em 2021. A companhia diz acreditar que as práticas cooperam para a construção de um ecossistema duradouro que corroboram para maior assertividade nas suas operações e produtos, estabelecendo como um dos seus objetivos a geração de valor com base no respeito ao meio ambiente, aos direitos humanos e ao trabalho. Segundo a empresa, sob comunicação da área de Relacionamento com Investidor, considerando toda essa articulação, que evoluiu gradativamente ao longo dos anos, a gestão ESG vem, portanto, como um fator essencial e decisivo para o crescimento e para a expansão da sua atuação. (RENNER RI, s.d.)

#### **4.2 Telefônica Brasil (Vivo)**

No ISE há 10 anos, a companhia telefônica é bem direta no compartilhamento do que busca com a atividade sustentável. Atualmente, a empresa é a segunda com maior peso no índice, com 3,16% da sua composição, e foi reconhecida em 2020 como a empresa com a melhor reputação do setor de telecomunicações no Brasil e na América Latina, segundo o Monitor Empresarial de Reputação Corporativa (MERCOS). (B3, c2019)

Com mais de cem milhões de reais investidos em projetos sociais de educação, saúde, empreendedorismo e diversidade, a Telefônica demonstra seu objetivo, que é evidenciar ao mercado que seu crescimento caminha junto com a contribuição para o desenvolvimento sustentável e a geração de impactos positivos ao meio ambiente. A primeira vez mencionando o termo ESG em seus pareceres oficiais foi em 2020, demonstrando intenções de estreitar as relações entre a gestão ESG e a visão estratégica e financeira da empresa como atitude essencial para que seus acionistas, fundos de investimentos, analistas de mercado e stakeholders vissem essa movimentação com o reconhecimento de que o investimento em sustentabilidade é relevante para o negócio. (TELEFÔNICA, s.d.)

A criação de uma Agenda ESG com objetivos para 2030 cria metas de médio e longo prazo com pilares que vão da experiência ao cliente à sustentabilidade na cadeia de valor. Com isso, a Vivo diz buscar transformar o ESG em realidade, indo além dos resultados financeiros, pois acredita que a sustentabilidade em conjunto com a digitalização são

potenciais provedores de eficiência e bem-estar tanto para a sociedade quanto para a preservação ambiental. (TELEFÔNICA, s.d.)

Além disso, nota-se o destaque para o cuidado com seus colaboradores como uma garantia para a prestação de um serviço de qualidade aos seus clientes. Segundo a empresa, o processo de transformação da sociedade deve acontecer de dentro pra fora e a valorização da diversidade é uma forma de aumentar a geração de resultados para a empresa, uma vez que o estímulo à heterogeneidade é um fator propulsor para inovação e produtividade.

Percebe-se, então, o comprometimento com as diretrizes ESG por parte da companhia com o estabelecimento de metas de longo prazo e, principalmente, com a valorização dos pontos que acredita fazer desenvolver estrategicamente seu negócio. Com o lema “Nosso propósito é digitalizar para aproximar” - envolvendo não somente seus clientes, como colaboradores e stakeholders - é importante ressaltar a atuação do empreendimento no setor de telefonia, que aponta para a importância do ESG como uma forma de engajamento do seu público e o reconhecimento no mercado.

### **4.3 Grupo Natura**

O Grupo Natura vem em terceiro lugar como empresa de maior peso na nova composição do ISE para 2022, com influência de 3% do que a carteira teórica representa (B3, c2019). A empresa já compunha o índice desde que este foi criado, em 2005 e, assim como as Lojas Renner, teceu sua história com a implementação da sustentabilidade naturalmente no seu crescimento, tendo sido reconhecida em 2019 como a 15ª empresa mais sustentável do mundo pelo ranking Global 100 da Corporate Knights, título anunciado no Fórum Mundial Econômico, em Davos, na Suíça, um dos encontros mais relevantes para a economia mundial, sendo a única empresa brasileira do setor a ser considerada para o ranqueamento. (NATURA, 2019)

Com décadas de movimentos voltados à não realização de testagem em animais, preocupação por negociações na Amazônia em prol da conservação de cadeias de biodiversidade e trabalhos junto à ONU em prol da igualdade de gênero, a empresa demonstra enorme proatividade em meio às demais companhias com relação à atuação ESG, mesmo abordando o termo oficialmente também só em 2020 no seu relatório de DFP.

A criação de uma Agenda ESG em 2021 demonstra ser um aviso ao mercado de que a companhia coloca seriamente as práticas como visão de longo prazo, por determinar objetivos individuais para até 2030, preocupando-se em compartilhar, em dados concretos, números de

impacto da empresa para com o ambiente e a sociedade, como ter evitado 162 mil toneladas de emissão de CO<sub>2</sub>, meio milhão de reais em investimentos no combate ao COVID-19, e a substituição de mais de 2 mil toneladas de plástico virgem por plástico reciclado. Dentre esses objetivos, em especial, existe a preocupação pela desalavancagem da companhia, por meio da antecipação do pagamento de títulos para permitir que a empresa tenha mais margem para promover investimentos que aceleram essa movimentação, colocando-as como prioridade no plano estratégico do negócio. O diferencial do Grupo Natura foi demonstrar em termos palpáveis que consegue obter benefício econômico do uso da sustentabilidade no seu empreendimento e faz questão de compartilhar ao mercado o fato de que usa o ESG em favor do seu crescimento econômico, ponto que é muito questionado em termos práticos. (NATURA RI, s.d.)

Em 2014, foi a primeira empresa brasileira de capital aberto a receber internacionalmente o selo “B Corp” que reflete a combinação de resultados socioambientais e financeiros. Em 2021, captou US\$ 1 bilhão por meio da emissão de títulos de dívida atrelados a metas ambientais, os chamados “ESG Bonds” que são a expressão concreta de que a empresa vincula diretamente seu desenvolvimento econômico às suas práticas sustentáveis no longo prazo. A ação vinculou 40% das dívidas da companhia a essas metas e o aumento dessa prática junto às empresas vem sendo um marco para a sustentabilidade no país. Foi assim que a companhia, não somente com discurso midiático, demonstrou de fato que consegue associar o seu crescimento econômico à promoção do bem-estar social e ambiental. (NATURA, 2019)

Em entrevista, o presidente da companhia, Paulo Ferreira, acredita que a Natura fortaleceu o movimento global de empresas que põe seus negócios em benefício de um mundo melhor, e acredita que a vontade legítima de crescer e gerar lucro deve se conciliar com a virtude de promover riqueza para a sociedade como um todo, trazendo impacto positivo nos âmbitos financeiro, social e ambiental. Para o vice-presidente de Sustentabilidade e Assuntos Corporativos da Natura & Co, Marcelo Behar, "essa conduta transmite clareza e segurança, além de uma visão estratégica em relação a riscos e oportunidades". Assim, percebe-se a forte preocupação no compartilhamento dos seus impactos e resultados positivos e especialmente em como espera-se que eles sejam recebidos pelo mercado quanto à confiabilidade estrutural e financeira transmitida pela empresa. (NATURA RI, 2019)

#### **4.4 Iochpe-Maxion**

Com apenas 0,79% de peso no ISE, a Iochpe-Maxion é uma das empresas de menor relevância no índice (B3, c2019). Há 16 anos participando da carteira teórica de sustentabilidade da B3, considerando que empresas mais jovens ou novatas conseguem obter mais relevância, espera-se que o motivo seja o pouco engajamento da companhia na causa ESG. Mesmo com essa impressão, nota-se o esforço para aumento desse engajamento. O ano de 2019 foi voltado para a preparação da companhia para uma presença ainda mais sólida nos mercados em que atua juntamente com a estruturação de suas estratégias ESG.

Com existência centenária, a companhia inserida no setor industrial atua no segmento de autopeças e equipamentos ferroviários e, mesmo com atuação internacional, demonstra baixo compartilhamento de atividade sustentável com relação às demais colegas integrantes do ISE. A forte busca pela eficiência operacional se sobressai aos demais objetivos delimitados no seu relatório de sustentabilidade de 2019 que, de forma bem enxuta, trouxe informações como a criação de um Comitê voltado para sustentabilidade, que incentiva o estabelecimento de termos e condições que sugerem melhores práticas ESG. (IOCHPE, s.d.)

No relatório de 2020, agora mais detalhado quanto à demonstração do seu engajamento, a empresa reforçou a busca por um melhor relacionamento com seus stakeholders, considerou sua liderança de mercado e compartilhou suas intenções de longo prazo quanto à criação de valor socioambiental e busca por operações com transparência, igualdade e responsabilidade. Determinaram, também, a busca por trabalhar saúde e segurança, organização cultural, gestão de pessoas, mudanças climáticas, pegadas de carbono, inovação e transformação digital, ética e governança corporativa com resiliência. (IOCHPE, s.d.)

Já em 2021, seguindo a linha evolutiva de preocupação com as diretrizes ESG, a Iochpe-Maxion captou US\$ 400 mil com a emissão de “ESG Bonds” ligados à redução de emissão de CO<sup>2</sup>, comprometendo-se com a redução de 30% até o ano de 2025 - caso a meta não seja cumprida, o pagamento de juros dos títulos é aumentado. O compromisso financeiro de longo prazo atrelado a uma meta de sustentabilidade é uma demonstração real de avanço junto ao estreitamento das diretrizes ESG ao modelo de negócio da empresa. (VALOR, 2021)

#### **4.5 Movida**

Trabalhando com o conceito ESG desde 2018, a Movida é destaque por ser a pioneira em muitos âmbitos do que abrange a sua atuação socioambiental. Foi a primeira empresa do seu setor a integrar o ISE, e atualmente foi eleita como a melhor empresa ESG da categoria de

mobilidade pela Revista Exame. Também se tornou, em 2020, a primeira locadora de capital aberto do mundo a receber a Certificação Internacional de Empresa B, que qualifica o empreendimento como um sucesso na economia não apenas por seus resultados financeiros, mas também pelo bem-estar gerado para a sociedade. (MOVIDA RI, s.d.)

Com apenas 0,78% de peso na carteira teórica do ISE, a companhia estreou mundialmente como a primeira locadora do mundo a emitir um título de dívida atrelado à Sustentabilidade, os “ESG Bonds”, associando títulos de dívida à métricas de sustentabilidade e assumindo para seu negócio compromissos financeiros de longo prazo relacionados ao ESG, especialmente no que diz respeito a emissão de carbono e mudanças climáticas. (SUNO, 2021)

As principais atividades da companhia estão voltadas para mudanças climáticas, valorização dos colaboradores em prol da perpetuação da cultura e do respeito à diversidade, inovação, cadeia de valor sustentável e, principalmente, mobilidade urbana. Pensando também na experiência do usuário, ética, compliance e performance financeira, além do uso da mobilidade como um instrumento de inclusão social na tentativa de reduzir as desigualdades sociais, a empresa demonstra desenvolver de forma equilibrada os três pilares ESG. Com essa atitude, busca ser agente de mudanças ambientais, sociais e ambientais, trabalhando a ideia de transformação da mobilidade urbana considerando o espaço em que atua.

Diante disso, a Movida, em seus pareceres oficiais, afirma priorizar o desenvolvimento de estratégias que mitiguem o agravamento de quaisquer fatores que, em seu setor de atuação, são problemáticos para algum dos pilares ESG. Divulgam acreditar na transformação digital e na diversidade, além de preocupação com o bem-estar dos seus stakeholders como forma de demonstração do amadurecimento do negócio. Não obstante, reforçam que, como maior player do mercado no seu segmento, a continuidade da evolução socioambiental é o que fará com que a empresa mantenha sua liderança.

#### **4.6 Ambipar**

A Ambipar é um grupo de gestão ambiental e, por isso, atua em um segmento totalmente interligado ao meio ambiente. A empresa trabalha com soluções ambientais, gerenciamento de crises e atendimento a emergências ambientais químicas e biológicas. Portanto, o foco na melhoria dos indicadores ESG já é intrínseco ao seu modelo de negócio, o que espera-se, minimamente, um engajamento em projetos, causas, movimentos e

investimentos que combinem a relação do crescimento do negócio à conservação do meio em que atua. Entretanto, a companhia só integrou o ISE em 2021, sendo hoje a empresa com menor peso de impacto na carteira teórica, representando apenas 0,69% do índice, e começou a divulgar práticas com a nomenclatura ESG somente a partir de 2020, 16 anos depois da elaboração do relatório “Who Care Wins”. Isso ocorreu porque o grupo estreou na bolsa brasileira somente no ano de 2020, sendo a primeira do setor a integrar a B3. Observa-se como a participação junto às diretrizes ESG foi um movimento tardio no Brasil.

Mesmo assim, apesar de recente, ela demonstra trabalhar ativamente na maturação das suas métricas, pois é natural que assuma uma participação estreita com as diretrizes ESG. A companhia associa com frequência o atingimento de índices ESG com a conquista de mais consumidores e investidores, reforçando a busca contínua pelo oferecimento de soluções completas aos seus clientes. Economia circular, transformação de resíduos, representatividade, energia reutilizável, pegada de carbono e reflorestamento são alguns dos seus compromissos para, segundo a empresa, gerar valor compartilhado a todos os seus stakeholders.

Com a recente aquisição de uma empresa de monitoramento de conformidade legal aplicável, que atua principalmente em serviços de gestão de riscos e compliance de sustentabilidade, a Ambipar conquistou relevante diferenciação e assume a liderança de mercado em software e sistema de gestão ambiental, trabalhando o ESG juntamente com inteligência artificial e equilibrando, com isso, a sua atuação ambiental com a governança. Com o feito, a empresa busca ser uma facilitadora para composição da base de dados para políticas públicas voltadas para parâmetros ambientais, o que lhe permite maior controle para leis, gestão de risco, saúde e segurança.

O compromisso com as boas práticas socioambientais foi formalizado ao se tornarem signatários do Pacto Global da ONU também em 2020, mas também é reiterado diariamente ao alinhar a estratégia de crescimento da empresa aos critérios de qualificação ESG. Assim, a empresa acredita ganhar competitividade e agregar valor aos seus clientes e, claro, não deixa de lado a sua reputação, que demonstrou começar a ser foco para a companhia no que tange a socio-governança com a parceria feita com a modelo Gisele Bündchen para que realize, como membro integrante do corpo do Comitê de Sustentabilidade, a promoção da marca institucional junto aos seus serviços relacionados aos pilares ESG. (AMBIPAR RI, s.d.)

#### **4.7 ESG e busca por vantagens competitivas**

Para a Alshehhi et al (2018), a responsabilidade socioambiental é um fator auxiliador na redução do risco das empresas e, considerando que a competitividade no mercado tende sempre a aumentar, e vendo que as mudanças estão ocorrendo muito rapidamente, o próprio mercado acaba exigindo das empresas que se adaptem ao modelo de gerenciamento sustentável. Assim, como os autores trazem que o meio corporativo enaltece a redução de custos tanto quanto o aumento da produtividade, a adoção das práticas ESG chega como um fator de vantagem competitiva em relação à concorrência, ou mesmo como um destaque no mercado.

Seguindo essa linha, Santos e Paula (2021) trazem essa perspectiva a partir do ranqueamento de práticas voltadas ao ESG por cada empresa e determinam uma pontuação de acordo com as ações divulgadas e classificam os subtemas envolvidos no conceito, observando qual dos três pilares tende a ser mais praticado. Os autores notaram que existe uma grande preocupação em divulgar as informações que alimentam a confiança do seu público acerca da sua gestão, por isso a importância dada às páginas de Relacionamento com Investidores (RI). A partir do método de análise, a sustentabilidade vem em primeiro lugar com a maior pontuação, governança em segundo lugar e o social em terceiro, por conter uma grande variedade de subtemas, o que dificulta a pontuação, porém, aponta para a relevância dada ao tema.

Com as informações levantadas pelas seis companhias, pode-se encontrar que, naturalmente, a maior ação de sustentabilidade tende a ser voltada para o modelo de negócio da empresa em questão, como a Movida promovendo investimentos de combate à emissão de CO<sup>2</sup>, por exemplo. Da mesma forma, o movimento social imediato parece ser voltado para o dentro da própria empresa, junto aos seus colaboradores, determinando igualdade salarial e outros projetos que envolvam diversidade ou incentivo à igualdade, com destaque para a Vivo, que combinando seu setor de atuação com o viés social, tem forte atuação voltada para transformação digital. Enquanto isso, nota-se um movimento de governança, quando trabalhado com o ESG, majoritariamente voltado para transparência e ética, com diferencial para a Telefônica (Vivo), que incrementou um incentivo que interliga a remuneração dos cargos de liderança ao alcance de metas ESG.

A partir das empresas trazidas realmente é nítido que as práticas ESG são dificilmente mensuráveis e, por isso, não é fácil compreender o porquê de uma empresa ter mais relevância que outra quando, por exemplo, a Ambipar, que é uma companhia naturalmente envolvida com o meio ambiente, tem menor peso que a Iochpe-Maxion, que pouco divulga em seus comunicados o que vê de importante para seu empreendimento na adoção do ESG.

Essa análise teria sido ainda mais polêmica se feita na revisão anterior da carteira, que ainda tinha em sua composição empresas envolvidas em vários desastres ambientais, bem como escândalos de corrupção.

É indiscutível que o meio ambiente entra no debate como o tópico ESG mais abordado nas empresas, uma vez que a sustentabilidade ainda carrega muito as raízes desse conceito. Porém, em observância dos relatórios divulgados, o assunto acerca da governança corporativa, apesar de ter sido ponderado por Santos e Paula (2021) como o segundo mais abordado, pareceu ser o menos explorado nos documentos das seis empresas analisadas. Ocorre que a governança corporativa envolve regras de compliance, códigos de conduta, corpo de gestão, e outros assuntos que normalmente são, nos documentos, desvinculados do termo ESG, o que dissocia a visão de que esse é um ponto tão importante quanto os outros dois. Enquanto isso, o social aparece como coadjuvante do trabalho junto ao meio ambiente.

Assim, confirma-se que vantagens competitivas são buscadas, contudo, pela diversidade de subtemas, é difícil mensurar o grau de importância dado a cada pilar ESG bem como às conquistas dos projetos ou discursos relacionados a eles.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas informações observadas, mesmo como o diferente foco que cada empresa aponta para cada fator ESG, o que não apresentou tanta discrepância entre as companhias foi o esforço em comunicar para a mídia que verdadeiramente se importa que seus investidores saibam que a empresa realmente quer fazer o bem para a sociedade através de mudanças socioambientais que sejam aliadas ao crescimento do negócio. A reputação demonstrou ser um grande incentivo do ESG, expressa sempre com discursos em prol de agregar valor para os investidores, combinando a busca pelo impacto positivo no meio em que atua.

Tudo isso, porém, sem a apresentação de resultados quantitativos concretos sobre, por exemplo, o quanto a inclusão de mulheres no corpo gestor foi um fator determinante para aumentar a receita operacional, já que são dados extremamente difíceis de serem cruzados, assim como a grande maioria dos demais subtemas ESG que exigem uma outra metodologia de análise. Com grande quantidade de informações acerca do quanto a companhia destinou a investimentos em determinado pilar, mas pouco sobre o quanto isso interferiu

operacionalmente na empresa, entende-se que esse esforço seja também uma forma de engajamento válida que possivelmente demonstre ganhos financeiros reais apenas no médio ou longo prazo.

Colocar em prática os três pilares da sustentabilidade em equilíbrio não demonstra ser uma tarefa fácil para qualquer uma das empresas. Entretanto, faz-se crer, como apresentam os autores, que a atividade atrelada ao ESG gera inúmeros resultados positivos no mundo dos negócios, especialmente porque permite um horizonte muito grande de possibilidades no que tange ao tipo de prática. Com isso, espera-se melhores vantagens competitivas, melhor reputação, maior lucratividade, melhora do valuation ao longo do tempo e, conseqüentemente, maior atratividade dos investidores. Observa-se, portanto, o ESG como um incentivo ao cuidado do meio socioambiental e de governança, esperando que a companhia que esteja alinhada com suas diretrizes seja vista de forma positiva pelo mercado pela redução de riscos através da gestão eficiente de recursos e atraia para si baixos custos de crédito, mais investimentos, movimentando a economia e instigando seus concorrentes e seu setor.

Como temos um período curto desde que as empresas brasileiras começaram a adotar práticas ESG, com o agravante da pandemia de Covid-19, resultados financeiros ainda não podem ser analisados com clareza. Contudo, o entendimento das práticas adotadas pelas empresas e seus objetivos são importantes pontos de partida para o acompanhamento futuro do desempenho financeiro de tais empresas.

## 6 REFERÊNCIAS

Alshehhi, A.; Nobanee, H.; Khare, N. **The Impact of Sustainability Practices on Corporate Financial Performance: Literature Trends and Future Research Potential.** Sustainability, 2018, 10, 494. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/10/2/494>. Acesso em: 12 mar. 2022.

AMBIPAR RI. Relações com Investidores, 2022. Disponível em: <https://ri.ambipar.com/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

B3. **O que é o ISE B3**, c2019. Disponível em: <https://iseb3.com.br/o-que-e-o-ise>. Acesso em: 17/01/2022

BROCKETT, Ann; REZAEE, Zabihollah. **Corporate sustainability: Integrating performance and reporting.** John Wiley & Sons, 2012.

BRUNDTLAND, Harlem; et. al. Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**, 1987. p. 41-59 Disponível em:  
<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>.  
 Acesso em: 12 mar. 2022.

FOLHA DE SP. **Petrobras, Assaí e frigoríficos deixam índice de sustentabilidade**. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/12/petrobras-assai-e-frigorificos-deixam-indice-de-sustentabilidade-da-bolsa-veja-nova-carteira.shtml#:~:text=%C3%89%20o%20caso%20da%20Petrobras,sustentabilidade%2C%20apesar%20dos%20questionamentos%20socioambientais.&text=%22Em%20fun%C3%A7%C3%A3o%20da%20mud.> Acesso em: 12 mar. 2022.

GLOBAL SUSTAINABLE. Investment Alliance. **Global Sustainable Investment Review 2020**. Global Sustainable Investment Review, [S. l.], p. 1-32, 29 jan. 2021. Disponível em:  
<http://www.gsi-alliance.org/wp-content/uploads/2021/08/GSIR-20201.pdf> Acesso em: 3 jan. 2022.

IOCHPE. Informações RI, 2022. Disponível em: <https://www.iochpe.com.br/informacoes-ri/>.  
 Acesso em: 28 mar. 2022.

ITAÚ. Asset Management. **Radar ESG**. 6 jan. 2021. Disponível em:  
<https://www.itauassetmanagement.com.br/insights/investimento-responsavel>. Acesso em: 15 set. 2021.

MOVIDA RI. Relações com Investidores. s.d. Disponível em: <https://ri.movida.com.br/>.  
 Acesso em: 01 mar 2022

NATURA. **B-CORP: Certificação comprova que Natura alia crescimento e promoção do bem-estar social e ambiental**, 18 abr. 2019. Disponível em:  
<https://www.natura.com.br/blog/sustentabilidade/b-corp-certificacao-comprova-que-natura-alia-a-crescimento-e-promocao-do-bem-estar-social-e-ambiental>. Acesso em: 28 fev. 2022.

NATURA. **Natura é a 15ª empresa mais sustentável do mundo**, 28 jan. 2019. Disponível em:  
[https://www.natura.com.br/blog/sustentabilidade/natura-e-a-15a-empresa-mais-sustentavel-do-mundo?gclid=Cj0KCQiA09eQBhCxARIsAAYRiyk3fhf77n83cbr7zBKyFh89hMXcVLKg7aGe6qY-tA\\_rAxAkhXE0EJMaAmLQEALw\\_wcB&gclsrc=aw.ds](https://www.natura.com.br/blog/sustentabilidade/natura-e-a-15a-empresa-mais-sustentavel-do-mundo?gclid=Cj0KCQiA09eQBhCxARIsAAYRiyk3fhf77n83cbr7zBKyFh89hMXcVLKg7aGe6qY-tA_rAxAkhXE0EJMaAmLQEALw_wcB&gclsrc=aw.ds). Acesso em: 28 fev. 2022.

NATURA RI. Relações com Investidores, 2022. Disponível em: <https://ri.naturaeco.com/>.  
 Acesso em: 28 mar. 2022.

Entenda o significado da sigla ESG (Ambiental, Social e Governança) e saiba como inserir esses princípios no dia a dia de sua empresa. **PACTO GLOBAL**. Rede Brasil. Disponível em:  
<https://www.pactoglobal.org.br/pg/esg>. Acesso em 22 dez. 2021

PACTO GLOBAL; STILINGUE. **A evolução do ESG no Brasil**. Relatório, p. 1-33, 15 abr. 2021. Disponível em:  
[https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F150560%2F1619627473Estudo\\_A\\_Evoluo\\_do\\_ESG\\_no\\_Brasil.pdf](https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F150560%2F1619627473Estudo_A_Evoluo_do_ESG_no_Brasil.pdf). Acesso em: 22 dez. 2021.

PEREIRA, Carlo. **O ESG é uma preocupação que está tirando seu sono?** Calma, nada mudou: O ESG não é uma evolução da sustentabilidade empresarial, mas sim a própria sustentabilidade empresarial. Exame, p. 1. 8 out. 2020. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/carlo-pereira/esg-o-que-e-como-adotar-e-qual-e-a-relacao-com-a-sustentabilidade/>. Acesso em: 22 dez. 2021.

PEREIRA, H. G.; BENTO, E. F.; RIOS, J. M. F. **Análise de resultados sobre as empresas que compõem a carteira do índice de sustentabilidade empresarial (ISE).** Ciências Gerenciais em Foco, v. 7, n. 4, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cgf/article/view/2951>. Acesso em: 12 mar. 2022.

PWC. The Global Compact. **Who Cares Wins: Connecting Financial Markets to a Changing World.** Financial Sector Initiative, p. 1-40, 15 jun. 2004. Disponível em: [https://pt.scribd.com/fullscreen/16876740?access\\_key=key-16pe23pd759qalbnx2pv](https://pt.scribd.com/fullscreen/16876740?access_key=key-16pe23pd759qalbnx2pv). Acesso em: 22 dez. 2021.

RENNER RI. Relações com Investidores, 2022. Disponível em: <https://lojasrenner.mzweb.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

ROSSETI, J;P; et al. **Finanças corporativas.** Rio de Janeiro: Elseiver, 2008.

SANTOS, G.; PAULA, I. **A relevância da construção da imagem e discurso corporativo de sustentabilidade enquanto vantagem competitiva de mercado,** Belo Horizonte, p. 1-84, 2021. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/relacoespublicas/wp-content/uploads/2021/11/TCC-Bella-e-Brad.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2022.

SUNO. **Movida (MOVI3) precifica nova emissão de bonds sustentáveis no total de US\$ 300 mi,** 08 set. 2021. Disponível em: <https://www.suno.com.br/noticias/movida-movi3-precifica-emissao-titulos-divida/>. Acesso em: 1 mar. 2022.

TELEFÔNICA. Relações com Investidores, 2022. Disponível em: <https://ri.telefonica.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

UNGARETTI, Marcella. **ESG de A a Z: Tudo o que você precisa saber sobre o tema.** EXPERT XP, p. 2-29, 8 set. 2020. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/esg/esg-de-a-a-z-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-tema/>. Acesso em: 23 dez. 2021.

VALOR. **Iochpe fecha primeira emissão externa e alonga perfil da dívida.** 04 mai 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2021/05/04/iochpe-fecha-primeira-emissao-externa-e-alonga-perfil-da-divida.ghtml>. Acesso em: 1 mar. 2022.

